

Visão aérea do Monte Roraima | *Aerial view of Monte Roraima*



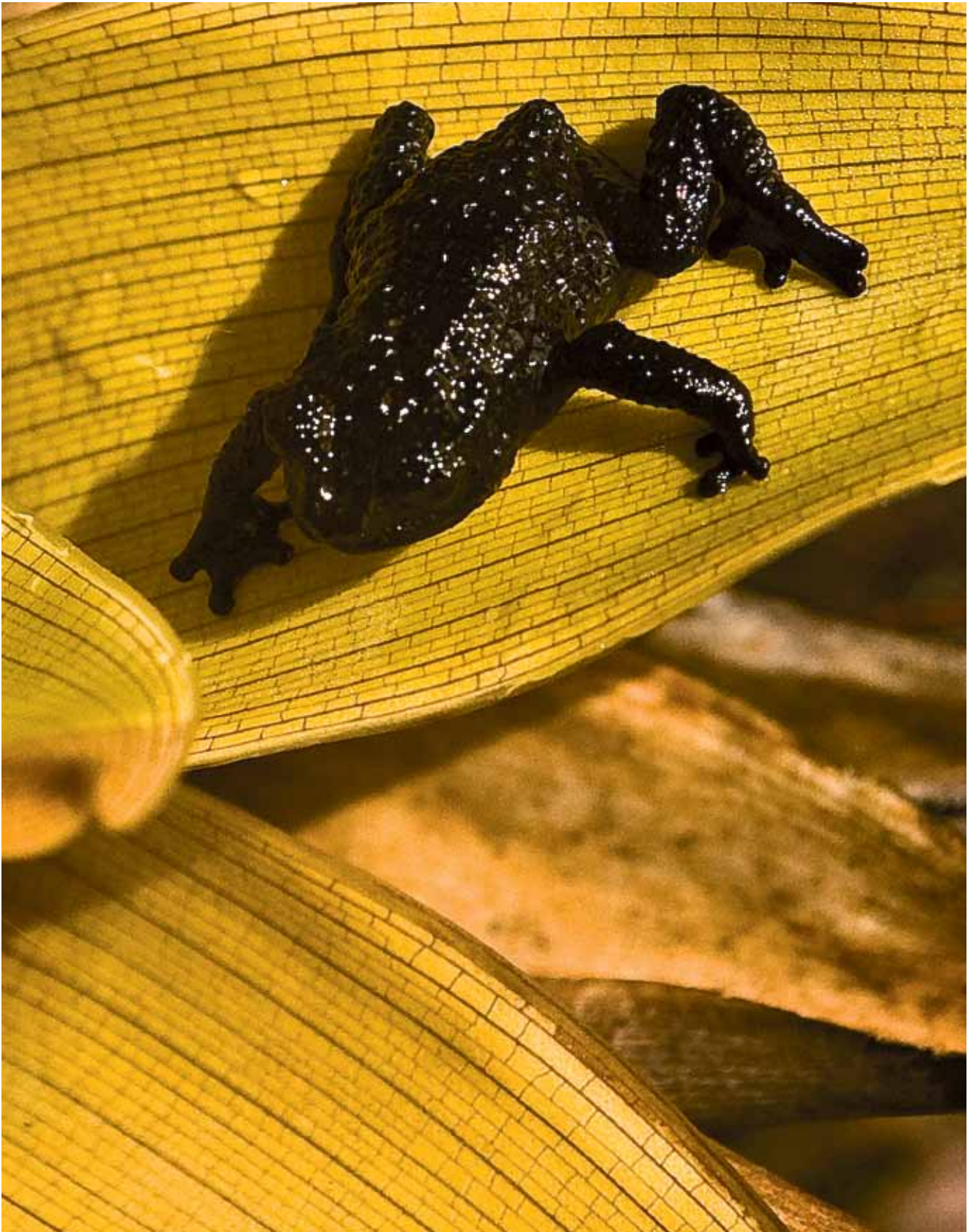
**MONTE RORAIMA**

*Uma ilha no céu*  
*An island up in the sky*



180 Formação rochosa no alto do Monte Roraima | *Rock formation at the top of Monte Roraima*





182 Rã *Oreophrynella quelchii*, espécie endêmica do Monte Roraima | *Roraima bush toad*, a species native to Monte Roraima



*H*á todo tipo de ilhas, não necessariamente cercadas de água, e o Monte Roraima é uma delas.

Quem vem da savana distingue um bloco só, rocha única e descomunal rodeada de planície por todos os lados, que parece ter brotado do chão como se fosse a crista de alguma cordilheira subterrânea. É uma montanha esquisita, vale dizer, sobretudo porque, em vez de um vértice como cume, o que existe é um platô, extenso e achatado, que as escarpas íngremes suspenderam 500 metros acima do solo. Para os homens, não existe caminho que leve ao topo senão um só, e ele exige ao menos dois dias de caminhada. Uma vez lá em cima, a sensação de isolamento se agrava. Primeiro, pelas pedras das mais estranhas formas que habitam o lugar, coisa que nem parece deste mundo. E também porque, quando o tempo esquenta, as nuvens equatoriais encostam nos penhascos e envolvem de tal modo a montanha que em tudo ela se assemelha a uma ilha, só que pendurada no céu, abraçada por um oceano de névoa.

*There are many kinds of islands, and not all of them are necessarily surrounded by water. Monte Roraima is one of those. Whoever comes from the savannah can only make out one block, a single and humongous rock surrounded by plains from every side, seemingly sprung out of the ground, as if it were the ridge of some subterraneous mountain range. It is a strange mountain, indeed, especially because, instead of an angle as the peak, what one will see is a long and flat plateau, that steep walls have raised 500 meters above ground. For men, there is just one path to follow to reach the top, and it takes at least two days to get there. Once up there, the feeling of isolation only worsens. First, for the strangest shaped rocks that inhabit the place, with the looks of an outer world setting. And also because, when the weather gets warmer, the equatorial clouds brush the cliff and envelop the mountain so that it resembles an island in every way, only that it hangs from the sky, embraced, instead, by a sea of clouds.*



Metáforas à parte, o Monte Roraima é, de fato, uma ilha geológica, separada do resto do mundo há milhões de anos, onde o tempo se viu livre para criar um universo particular. Montanhas assim são chamadas de tepuis, e há uma centena dessas no norte da América do Sul, concentradas numa área entre o Rio Orinoco e a planície amazônica. A mais alta de todas é o Roraima, cujo ponto culminante, conforme a última medição, está a 2.734 metros acima do nível do mar. Os tepuis constituem a porção mais elevada do Planalto das Guianas, meseta antiquíssima cuja formação teve início na era Pré-Cambriana, há 1,6 bilhão de anos. Suas rochas, incluindo as que repousam no topo do Roraima, estão entre as mais antigas da Terra.

Os tepuis, como montanhas isoladas, são bem mais jovens, com idade estimada em 150 milhões de anos. A mesma rachadura que separou a África da América do Sul e fez nascer o Oceano Atlântico também levantou do solo um bloco maciço de arenito, de 3 mil metros de espessura, bem nessa região. Movimentos sucessivos da crosta terrestre quebraram esse colosso em centenas de pedaços, criando fendas que a erosão terminou por alargar e aprofundar. Essas fendas tornaram-se vales e os nacos de arenito foram ficando cada vez mais distantes uns dos outros, dando origem aos tepuis. No topo, restou um retrato do planeta como era no momento da ruptura, onde as espécies animais e vegetais se desenvolveram completamente ilhadas, mas preservando certo parentesco com as das

montanhas vizinhas e, inclusive, com terras que ficaram do outro lado do Atlântico.

É o caso de certa rã de dorso negro e barriga amarela (de nome científico *Oreophrynella quelchii*), que guarda mais semelhanças com rãs africanas do que com aquelas que vivem na savana aos pés da montanha ou mesmo em qualquer outro ponto da América do Sul. A espécie é endêmica do Monte Roraima, e, ao que tudo indica, está aqui desde o tempo em que essas rochas eram parte de um bloco só, antes do surgimento dos tepuis, o que lhe confere mais idade inclusive que a dos dinossauros. Anfíbios parecidos, mas sutilmente diferentes, foram encontrados no topo de outras montanhas da região, e esta é uma das provas de que os platôs um dia estiveram conectados, mas que, depois de milhões de anos de isolamento, cada grupo de espécies evoluiu à sua maneira, separado do chão e do resto do mundo por escarpas de até 500 metros de altura. É por essas e outras que os tepuis são tidos pela ciência como uma espécie de Galápagos amazônica, rodeada de nuvens em vez de mar.

Igualmente isoladas no alto dos platôs, centenas de espécies de orquídeas, bromélias, samambaias e outras plantas tiveram destino semelhante. Não apenas mantiveram certos traços pré-históricos como aprenderam a sobreviver num ambiente repleto de adversidades, onde ventos úmidos e gelados surgem a todo instante e os nutrientes, que poderiam favorecer o crescimento, são varridos montanha abaixo pelas torrentes que formam algumas das maiores cachoeiras do mundo.



*Metaphors aside, the Monte Roraima is, in fact, a geological island, broken away from the rest of the world millions of years ago, where time ran free to create its own private universe. Mountains like that are called tepuis, and there is a hundred of those in northern South America, scattered in the area between the Orinoco River and the Amazon plain. The highest of them is Roraima, whose highest point, according to the latest measurements, sits at 2.734 meters above sea level. The tepuis constitute the highest portion of the Guianas High Plains, an age-old table, whose formation started in the pre-Cambrian era, 1.6 billion years ago. Its rocks, including those that rest on top of Roraima, are amongst the oldest on Earth.*

*The tepuis, as isolated mountains, are much more recent, with age estimated at 150 million*



*years. The same crack that broke South America off Africa and created the Atlantic Ocean also raised from the ground a massive 3-thousand meter thick sandstone block, right in that area. Successive movements of the planet's crust broke this colossus into a hundred pieces, creating cracks that erosion further widened and deepened. Those cracks became valleys and the blocks of sandstone grew more distant from one another, creating the tepuis. On the top, there remained a portrait of the planet at the moment of rupture, where animal and vegetal species evolved in total isolation, although preserving a certain relation to the neighboring mountains and even to other lands across the Atlantic Ocean.*

*It is the case of a certain frog displaying a black back and yellow belly (Oreophrynella*

No solo rochoso e quase estéril, espécies como a bromélia *Drosera roraimae* instruíram-se na arte de capturar e digerir insetos como meio de sobrevivência. Tornaram-se carnívoras, simplesmente. Tão singulares são as condições no topo do Roraima que algumas plantas chegam a ser endêmicas de um determinado ponto do platô, geralmente no fundo de um fosso onde se desenvolveu um microclima próprio. Ou seja, uma ilha ecológica dentro de outra.

Tudo isso confere ao alto do Roraima certo aspecto sobrenatural, onde estranhos jardins crescem sobre rochas escuras que não parecem pertencer a este planeta. As pedras na verdade são rosadas, que é a coloração própria do arenito, mas o tempo encarregou-se de cobri-las com um limo negro e escorregadio formado por cianobactérias (também chamadas de algas azuis), organismos que estão entre os mais antigos do planeta. O platô de 34 quilômetros quadrados está todo ocupado por essas rochas, das quais a ação dos ventos, das chuvas e dos rios lavrou grutas, fossos, vales, desfiladeiros e esculturas naturais, dessas que os homens sempre tratam de comparar a objetos reconhecíveis como uma maneira de tornar lugares hostis um pouco mais acolhedores.

Por aqui também correm muitas nascentes, que brotam cristalinas do chão e enchem a paisagem de lagos, piscinas naturais e pequenas quedas-d'água. Seu destino é, invariavelmente, a savana logo abaixo, e para alcançá-la os rios se lançam sobre os paredões na forma de cachoeiras monumentais. A maior do mundo, o Salto Angel,



com 979 metros, despenca do topo de um tepui, na Venezuela, não muito distante do Roraima. Essas nascentes fazem do Monte Roraima um divisor de águas, e foi baseado nesse critério que Brasil, Venezuela e Guiana estabeleceram, no início do século 20, a fronteira tríplice que divide o platô em três partes, a menor delas em território brasileiro. Desde 1989 esse trecho da montanha pertence ao Parque Nacional do Monte Roraima, área de 116 mil hectares que inclui ainda o Monte Caburá, no extremo setentrional do país, apenas 7 quilômetros mais ao norte que o Roraima.

Roraima é um nome saído do vocabulário pemón e significa algo como “Gigante Azul”, dada a tonalidade que a montanha adquire em certos momentos do dia, quando vista à distância. Para os pemones, e para muitas outras etnias indígenas que habitam as planícies em torno do tepui, este é também um monte sagrado, diretamente ligado ao mito de Makunaima. O herói que inspirou Mário de Andrade a escrever *Macunaima*, clássico do Modernismo brasileiro, tem origem nos relatos orais desses índios do norte, que nele enxergam um misto de ancestral e demiurgo, filho de uma rara noite de encontro entre o sol e a lua.

quelchii), that resembles more the African frogs than it does those that live on the savannah right at the foot of the mountain. It will not even remind of any other of their South American counterparts, for that matter. It is an endemic species from the Monte Roraima, and, as it seems, has been around since those rocks were part of a single block, before the tepuis were ever there. That alone makes them older than the dinosaurs. Similar amphibians, with subtle differences, were found on the top of other mountains in the region, and that is one of the evidences the plateaus were, at some point, connected, but after millions of years in isolation, each species group evolved in its own way, separated from the ground and from the rest of the world by 500-meter high walls. That is why the tepuis are seen by science as the Amazon version of the Galapagos Islands, though surrounded by clouds instead of seas.

*An ecological island within another island.*

All of that and more granted Roraima a certain supernatural aura, where strange gardens grown underneath outer worldly darkened boulders. The rocks are of a pinkish shade, sandstone's own coloring, but time weathered on them a slippery black moss produced by cyanobacteria (also called blue algae), some of the oldest living organisms in the planet. The 34-square kilometer plateau is taken over by those rocks, on which the wind, the rain, and the rivers carved caves, pits, valleys, cliffs and natural sculptures. Men always try to compare those to more

recognizable objects, so as to make the place a little less hostile and bit more sheltering.

Many springs run from here, they spill crystalline from out of the ground filling the sight with lakes, natural pools and small falls. The destination, invariably, is the savannah down below, and, heading for it, rivers intertwine over the high walls into huge waterfalls. The biggest of them all, Salto Angel, at 979 meters, plunges from the top of a tepui, in Venezuela, not too far from Roraima. Those springs make the Monte Roraima a watershed, and based on that criterion Brazil, Venezuela and Guiana established, in the beginning of the 20th century, the triple border line that divides the plateau down in three pieces, being the smallest one within Brazilian territory. Since 1989, this part of the mountain belongs to the Monte Roraima National Park, an area of 116 thousand hectares which also includes the Monte Caburaí, on the northernmost end of the country, just 7 kilometers north of Roraima.

Roraima is a word from the Pemón lexicon and means something like "Blue Giant", given the tone of color the mountain displays at some times of the day, when seen from a distance. For the Pemones, and for many other indigenous ethnicities that dwell in the plains around the tepui, this is also a holy mount, directly linked to the Makunaima myth. The hero gave inspiration for Mário de Andrade to write *Macunaíma*, classic work of the Brazilian modernism. It originally came from the tales told by those Indians in the north, that see it as a blend of

Para eles, o Monte Roraima é o lugar onde repousa seu espírito.

Reza a lenda que Makunaima era um guerreiro dado às malandragens, e que, certa feita, tomado por uma fome atroz, derrubou wazaká, a árvore gigante de onde pendiam todos os frutos do mundo. Conforme contam os índios, a copa tombou para o norte, enchendo de florestas as terras hoje pertencentes à Guiana e à Venezuela. No sul, do lado brasileiro, restou uma savana árida e estéril. E, no lugar da árvore, onde antes se erguia seu tronco descomunal, ficou o cepo cravado no chão. Este, segundo a lenda, seria o Monte Roraima. Na mitologia dos índios pemones, chamados de taurepangues no território brasileiro, a montanha é também a morada da deusa Kuin, que aguarda no cume com música e licores todos aqueles que se dispuserem a alcançá-lo.

Essas crenças todas pertencem a tradições orais antiquíssimas, que custam a sobreviver num mundo como o de hoje. Faz algum tempo que os pemones foram cristianizados, e por isso a maioria já não acredita em muitas dessas histórias. Inclusive porque centenas desses índios já estiveram no topo do Roraima, alguns diversas vezes, guiando viajantes de certo espírito aventureiro. E, como puderam constatar, não há nada de música e licores lá em cima; apenas rochas e silêncio.

Quando não há turistas, as planícies ao redor do Roraima são domínio quase que exclusivo dos indígenas. Ao norte, espalhados pela savana

da Venezuela e da Guiana, vivem cerca de 30 mil pemones. Suas aldeias, inclusive, tornaram-se bases importantes para a infraestrutura turística da região. Ao sul, em solo brasileiro, estende-se a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, onde cerca de 17 mil macuxis dividem uma área de 1,7 milhão de hectares com taurepangues (ou pemones), ingaricós, uapixanas e patamonas. É uma das maiores reservas indígenas do Brasil, criada em 1998 e homologada só em 2005, depois de uma intensa disputa local com produtores de arroz.

Apesar da presença maciça da população indígena, o homem branco desde muito cedo deu as caras por aqui, nem que fosse apenas de visita. O primeiro foi o inglês Walter Raleigh, misto de pirata, poeta e aventureiro que em 1595 penetrou o Orinoco em busca da cidade mítica de El Dorado. Esta ele não achou, mas viu muitas coisas em seu lugar, e uma delas foi o Monte Roraima, que avistou de longe e descreveu como “a torre branca de uma igreja de insuperável altitude”. Informado da existência de diamantes e outras pedras preciosas ali, batizou-a de Montanha de Cristal.

Outros vieram depois e muitos tentaram, em vão, conquistar o topo do Roraima. A honra coube ao botânico inglês Everard Im Thurn, que, em 1884, acompanhado de Henry Perkins, descobriu na face sudoeste uma rampa natural, formada por um desmoronamento do paredão, que dispensava o uso de equipamentos de alpinismo. Thurn chegou a pé ao platô, contou ao mundo o que viu e, segundo dizem, inspirou o escocês

ancestor and demiurge, son of a rare night of courtship between the sun and the moon. For them, the Monte Roraima is the place where their spirits rest.

The tale tells that Makunaima was a warrior with questionable character who, once, taken by great hunger, cut down the Wazaká, giant tree from which all the fruit in the world hung from. According to the Indians, it tipped to the north, filling the land that is today Guiana and Venezuela with rich forests. South, on the Brazilian side, what was left was an arid and sterile savannah. And, where once stood the humongous tree trunk, nothing but the stub was left. That, the legend claims, is the Monte Roraima. In the mythology of the Pemones Indians, called Taurepangues in Brazilian lands, the mountain is also home to the goddess Kuin, who waits at the top with music and liquor for those who can make it there.

All of those beliefs belong to ancient oral traditions, that can easily vanish in a world like today's. It has been some time since the Pemones were christened, and, because of that, most will no longer believe the stories. Also because hundreds of those Indians have been to the top of the Roraima themselves, some quite a few times, guiding adventure driven travelers. And, as they could see, there is neither music nor liquor up there; only the rocks and the silence.

When there are no tourists, the plains around Roraima are nearly the sole domain of the Indians. To the north, spread out in the savannah

of Venezuela and Guiana, some 30 thousand Pemones live. Their villages have become important basis for the touristic infrastructure in the region. To the south, on Brazilian ground, the indigenous reserve Raposa Serra do Sol stretches itself where about 17 thousand Macuxis share an area of 1.7 million hectares with the Taurepangues (or Pemones), Ingaricós, Uapixanas and Patamonas. It is one of the largest reserves in Brazil, established in 1998 and homologated only in 2005, after intense local dispute with rice farmers.

In spite of the massive native population, white men have been around for a long time, even if just as mere visitors. The first was an Englishman named Walter Raleigh, pirate, poet and adventurer all rolled into one, who in 1595 made his way into Orinoco in search for the mythical city of El Dorado. He did not find it, but, instead, was able to see plenty, among which, the Monte Roraima, seen from a distance and described as "the white tower of church set at insurmountable height". Having learned of the existence of diamonds and other precious gems, he dubbed it Crystal Mountain.

Others came soon after, and many tried, in vain, to conquer the top of the Roraima. The honor was earned by English botanist Everard Im Thurn, who, in 1884, accompanied by Henry Perkins, discovered a natural ramp on the southwest face, formed by a land slide of the wall, which dismissed the use of climbing equipment. Thurn made to the foot of the plateau, told the

Arthur Conan Doyle a escrever *O Mundo Perdido*, em que o criador de Sherlock Holmes narra as aventuras de um grupo de exploradores em busca de criaturas pré-históricas no topo de montanhas que lembram, e muito, os tepuis amazônicos.

A via descoberta por Im Thurn é, até hoje, a única que permite ascender ao cume do Roraima caminhando. Isso é feito pelo lado venezuelano, o que obriga os viajantes brasileiros a cruzar a fronteira na altura da cidade de Santa Elena de Uairén e, de lá, seguir até a aldeia pemón de Paraitepui, de onde parte a trilha de dois dias que leva ao platô. No primeiro dia, anda-se cinco horas pela savana; no segundo, são oito horas de caminhada extenuante, ladeira acima.

Qualquer outro meio de subida envolve técnicas avançadas de escalada, inclusive quando feita pela face voltada para o Brasil, que se apresenta como uma muralha imensa dividida em dois degraus, o maior deles com 400 metros de altura. Foram necessários cinco dias de escalada para que, em 1991, três alpinistas brasileiros finalmente conquistassem o Roraima vindos de solo nacional. Uma vez lá em cima, contudo, todas as fronteiras criadas pelo homem se dissipam, invisíveis. A pátria, nesta ilha suspensa acima das nuvens, é só uma, e ela pertence ao tempo.

*world about it and, it is said, inspired Scotsman Arthur Conan Doyle to write *The Lost world*, in which the creator of Sherlock Holmes narrates the adventures of a group of explorers in search of pre-historical creatures on top of beds that remind, a great deal, the amazon tepuis.*

*The path disclosed by Im Thurn is, to this day, the only one that allows ascending to the peak of the Roraima on foot. That is done from the Venezuelan side, what forces Brazilian visitors to cross the border near the city of Santa Elena de Uairén and, from there, follow towards the Pemón village of Paraitepui, from where the plateau-bound two-day hike starts. On the first day, it is a five-hour walk through the savannah; on the second, they are eight hours of extenuating uphill hike.*

*Any other means of going up will demand advanced climbing techniques, including when it is done from the Brazilian side, that displays a huge wall broken into two steps, being the largest 400 meters high. It took a five-day climb for, in 1991, three Brazilian mountaineers to finally conquer the Roraima coming from Brazil. However, once up on the top, all man made borders vanish into oblivion. The motherland, in this island suspended above the clouds, is one and it belongs to time and time alone.*

